

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta de Notícias Class.: 1166

Data: 24/02/89 Pg.: _____

Índios aidéticos preocupam

Ministério da Saúde e Funai

BRASÍLIA — A notificação de dois casos de Aids em índios, um em Santa Catarina e o outro no Mato Grosso, está preocupando os técnicos do Ministério da Saúde e da Funai. Desde terça-feira, superintendentes regionais da Funai e funcionários do Ministério estão reunidos e dando forma ao "Projeto Índios", que pretende até 1991 levar às comunidades indígenas brasileiras informações sobre a doença, modo de prevenção e tratamento. O primeiro passo definido pelos técnicos dos dois órgãos é um levantamento do número de índios infestados pela Aids e por outras doenças sexualmente transmissíveis (DST).

Até hoje, quando termina o encontro, devem estar definidos os critérios para delimitação das comunidades a serem investigadas. Preliminarmente, como explicou a coordenadora do projeto, Inocência Negrão, serão visitadas aquelas que ficam misturadas ao "homem branco". Justificativa: A Aids é uma doença predominante de "homens brancos".

As áreas mais comuns são aquelas onde existe ocupação de mineradores — incluindo os garimpos —, madeiras, hidrelétricas, e estradas de ferro. No retorno ao estado de origem, cada um dos seis superintendentes da Funai que participaram do encontro vão marcar essas áreas existentes dentro da região de sua jurisdição. Uma equipe, então, será destacada de cada superintendência para fazer um treinamento sobre as formas de contágio, prevenção e diagnóstico da doença no Ministério da Saúde. Estas pessoas vão fazer o levantamento do número de casos de Aids e DSTs entre os índios.

Na visão indígena, a Aids é uma doença espiritual, explicou a coordenadora do projeto, "e só um pajé consegue tirar". A educação para cada uma das 180 nações indígenas espalhadas pelo Brasil é variada, de acordo com o grau de aculturação de cada uma. No Nordeste, por exemplo, a maior parte dos índios são aculturados e convivem integradas entre os "brancos".

Lá o método pode ser o mesmo utilizado entre os demais habitantes: folhetos, recomendação de uso da camisinha, evitar a promiscuidade sexual etc. Já entre uma tribo Yanomani, que vive no norte do País, "a Aids não existe, pois eles vivem isolados", afirmou Inocência.

RELAÇÃO COM PROSTITUTA

O lavrador, de 34 anos, lavrador de profissão, é portador do vírus de Aids há um ano, mas ainda não desenvolveu a doença. Seu caso seria apenas mais um a figurar nas estatísticas, não fosse ele o único índio do sul do País comprovadamente aidético. Morador da reserva de Ibirama, no norte de Santa Catarina, onde vivem 1,5 mil indígenas das tribos Kaingang e Xokleng, provocou pânico quando seu caso foi divulgado. Ontem, segundo a Funai, a comunidade encara o fato com naturalidade e lhe presta solidariedade.

V.G., membro da tribo Xokleng, mas bastante aculturado, contraiu o vírus no relacionamento que manteve por mais de um ano com uma prostituta, falecida em maio, cuja identidade não é revelada. Ele vem sendo submetido a exames médicos de rotina e, de acordo com o chefe do posto da Funai em Ibirama, Luiz Bavaresco, "tem até engordado e continua trabalhando normalmente".

Segundo o médico Paulo Cordeiro Caiana, que acompanha o caso, V.G. não apresenta, até agora, sintoma de qualquer doença. Seu internamento em Curitiba, no ano passado, foi apenas para comprovação dos exames. Na época, a Funai fez um levantamento de todas as pessoas que haviam mantido relações com a companheira do índio, tendo realizado 30 testes do tipo Elisa, que agora serão repetidos.

Na comunidade Luiz Bavaresco, "até parece que não existe esse caso de Aids". Os índios, contudo, resolveram tomar suas precauções. Desde que a doença de V.G. foi diagnosticada, conta o chefe do posto, os índios Xokleng e Kaingang deixaram de frequentar os inúmeros prostíbulo da região e passaram a limitar seus contatos com os brancos. "De dentro para fora, foi uma mudança de 180 graus", conta Luiz Bavaresco. A repercussão da notícia fez com que, dentro do possível, fosse criado um isolamento nas relações com a cidade.

Mas se a comunidade, segundo garante a Funai, tem prestado solidariedade a V.G., os brancos têm reagido de forma diferente, relata um funcionário da Funai que não pode ser identificado. "Não há dúvida de que está havendo discriminação contra os índios contra qualquer suspeita de ter a doença", diz o funcionário.

Um exemplo é o do médico Jorge Tramujas, responsável pelo programa de prevenção à Aids em Santa Catarina, que, há poucos dias, não encontrou em Ibirama e na região um único hospital que aceitasse fazer o parto de uma prostituta, possivelmente portadora do vírus, preferindo manter o nome da mulher em sigilo. Tramujas vai investigar com quem ela manteve relações para realizar testes em toda a região, incluindo a própria reserva.